

CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO BRASILEIRO: SOCIALIZANDO CONHECIMENTOS A PARTIR DA COMUNIDADE SALGADO DO BOLA

SILVA¹, Regivaldo Henrique

SILVA², Rayana Vanessa Alves

FERREIRA², José Gedilson Henrique

ARAÚJO³, Alexandre Eduardo de

BARBOSA⁴, Alex da Silva

CCHSA /DAP/ PROBEX

RESUMO

No ambiente rural a convivência com o Semiárido Brasileiro resulta de uma série de conhecimentos contextualizados e sistematizados com o propósito de assegurar às famílias camponesas a redução da degradação ambiental e a utilização racional dos recursos naturais de maneira a garantir sua autonomia econômica, produzindo de maneira ecológica os bens necessários aos câmbios comerciais e à consolidação da segurança alimentar e nutricional do núcleo familiar. Agricultores familiares da comunidade Salgado do Bola, localizada no município de Casserengue, no Curimataú paraibano, têm experimentado tecnologias agroecológicas, de importância socioeconômica e ambiental, que têm contribuído positivamente com o modo de apropriação dos solos, da água e da vegetação pelas pessoas. Essas interações são frutos de sinergias criadas pela participação de diversas organizações nas dinâmicas locais, dentre elas Universidade Federal da Paraíba, o Pólo sindical da Borborema, o MECA, a EMBRAPA e a Prefeitura Municipal. Estão sendo realizadas capacitações e dias de campo para socialização das experiências, o que tem resultado em importante estratégia para o aprimoramento dos conhecimentos de todos os envolvidos. Cerca de 40 pessoas tem participado das atividades, entre agricultores, estudantes e professores. As principais tecnologias discutidas foram: quintal produtivo, canteiro econômico, tanque de pedra, uso de matéria orgânica, armazenamento de água e seu uso racional, cultivo de plantas xerófilas para alimentação animal e uso de cercas vivas.

Palavras-Chave: Dia de campo, agroecologia, extensão rural.

INTRODUÇÃO

A Agricultura Familiar desenvolvida no Semiárido Brasileiro tem como um dos principais desafios assegurar a convivência harmônica com as condições edafoclimáticas, cuja maior finalidade é a continuidade dos processos produtivos, possibilitando trabalho,

¹ Bolsista PROBEX. ²Estudante Colaborador. ³Professor Coordenador. alexandreduardodearaujo@hotmail.com. ⁴Professor Colaborador.

geração de renda, segurança alimentar e reduzindo a degradação ambiental. A irregularidade na distribuição espaço-temporal das chuvas ainda é uma ameaça pouco compreendida nos processos produtivos pouco adaptadas. Para Magalhães et al. (1987),

Eventos de precipitação extrema (secas ou enchentes) podem ter grande impacto na sociedade, na economia do país e/ou no ambiente de uma determinada região de ocorrência. Em regiões semiáridas tal impacto pode atingir proporções catastróficas, uma vez que estas são caracterizadas por um clima predominantemente seco e a distribuição tanto espacial como temporal das chuvas é bastante irregular. Na região Nordeste do Brasil (NEB), a zona semiárida representa mais da metade da área total do NEB, abrangendo a parte central e a zona costeira norte, e abriga aproximadamente 1/3 de sua população.

O Semi-árido corresponde a 53% da área do Nordeste, e é uma zona sujeita a períodos cíclicos de secas, onde o clima é chamado de “polígono das secas” chovendo pouco (as precipitações variam entre 250 e 800 mm). Existem duas estações distintas durante o ano: a estação chuvosa de 3 a 5 meses, com chuvas irregulares, torrenciais, locais e de pouca duração, e a época seca de 7 a 9 meses. Portanto, o que realmente caracteriza uma seca não é o baixo volume das chuvas e sim a sua distribuição no tempo.

Devido este fenômeno natural, a seca, o qual não pode ser modificado, se torna fundamental e urgente aprender a conviver com esta situação. Sendo assim, é imprescindível a utilização de alternativas que venham a amenizar os impactos negativos causados pela seca, aumentando as capacidades de resiliência das unidades de produção familiar. O Dia de Campo é uma boa oportunidade para a troca de conhecimentos, permitindo assim a socialização de técnicas de convivência com a seca.

Nesse sentido, a extensão fortalece as capacidades de desenvolvimento sustentável do semiárido, propiciando espaços de aprendizagem, assessoria técnica e aprimoramento tecnológico. Para BRASIL/MEC (2001), a extensão pode ser definida como o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade. A assistência técnica e a extensão rural são serviços de importância fundamental no processo de desenvolvimento rural e da atividade agropecuária (PEIXOTO 2008).

Sendo também um processo de construção de conhecimentos, pois quando se trata de educação, Gohn (2006) compreende que a construção de saberes se tece numa relação de espaços e grupos diferenciados, com conceitos, características e atributos distintos. No entanto, a partir destas, cada processo educativo se complementa e contribui de formas

diferenciadas na formação do indivíduo. O objetivo principal do trabalho foi a socialização das experiências no intuito de permitir diversas aprendizagens sobre tecnologias agroecológicas de convivência com o Semiárido para redução dos riscos ao desastre seca.

DESENVOLVIMENTO

As aprendizagens foram especialmente sobre seis tecnologias agroecológicas desenvolvidas, cujos conhecimentos são salutares para uma melhor convivência com o ambiente Semiárido: quintais produtivos, canteiro econômico, barragem subterrânea, tanque de pedra, uso de adubo orgânico, cultivo de plantas xerófilas para alimentação animal e na construção de cercas vivas.

O quintal produtivo é desenvolvido pelas famílias em torno do núcleo familiar, aos arredores da casa. Agrega valores que se relacionam especialmente à Segurança Hídrica, Alimentar e Nutricional. Nesse sistema é possível identificar o cultivo de plantas medicinais, de plantas frutíferas, de plantas condimentares e de plantas ornamentais. A exploração de pequenos animais, especialmente aves, como guiné, galinhas, patos, perus, importantes enquanto reserva de proteínas e comercialização nas feiras locais. Outra característica é a adoção de tecnologias de economia de água, como o canteiro econômico, que utiliza lona e cobertura morta para impedir as perdas de água por infiltração e por evapotranspiração, respectivamente (Figura 1).



Figura 1. Canteiro econômico e economia de água no Quintal Produtivo. Fonte: Projeto.

Data: agosto/2013.

Esse espaço tecnológico vem sendo fortalecido por sua intersecção com duas políticas públicas que são o P1MC e o P1+2, ambos que se baseia no estoque de água em

cisternas construídas próximas à residência da família com captação de água das chuvas (Figura 2).



Figura 2. Reflexão sobre cisternas. Fonte: Projeto. Data: agosto/2013.

As barragens subterrâneas e tanques de pedras são tecnologias de armazenamento de água. As primeiras permitem o prolongamento dos cultivos e da oferta de pastagens para os animais por reter a água na subsuperfície do solo. Para o camponês *“a barragem permitiu aumentar a produção de alimentos para casa e para os animais, pois mesmo com a seca ainda é possível ter alimento.”*. Já os tanques asseguram a oferta hídrica para dessedentação das pessoas e dos rebanhos, permitindo o acesso a água de boa qualidade, que ficam armazenadas por um curto período após o término das chuvas. (Figura 3A e 3B.)



Figura 3. Barragem subterrânea (A). Tanque de Pedra (B). Fonte: Projeto. Data: agosto/2013.

As reflexões sobre os usos de plantas xerófilas permitiram uma compreensão dos diversos potenciais da Caatinga, especialmente no estoque de alimentos para os animais. Esse alimento é fornecido especialmente no período de seca. A espécie mais utilizada é a

palma forrageira, do gênero *Opuntia* e originária do México. Uma espécie nativa de potencial para o uso na alimentação e como cerca viva é a macambira (*Bromelia laciniosa*), da família bromeliácea, na qual a comunidade vem valorizando seu uso (Figura 4A e 4B).



Figura 4. Cultivo de palma forrageira (A) e uso de macambira como rodapé de cerca viva (B). Fonte: Projeto. Data: agosto/2013

O uso de matéria orgânica, aliado ao cultivo de leguminosas capazes de fixar nitrogênio ao solo e a preservação das espécies vegetais asseguram um maior equilíbrio no solo, aumentando os estoques de nutrientes e possibilitando aumento da vida no solo, o que contribui para maior retenção de água, melhor desenvolvimento vegetal e propicia melhores condições para multiplicação da fauna silvestre, o que amplia as possibilidades ecológicas e socioeconômicas de convivência harmônica com o ambiente. Um exemplo disso é o ninho de colibris identificado durante o dia de campo em uma planta xerófila, a urtiga branca (*Urtiga urens*), prova concreta de que as vidas estão interligadas e que uso agroecológico dos recursos naturais pode contribuir no fortalecimento desses elos para continuidades dos processos sociais em maior harmonia com o Semiárido e com maior poder de resiliência frente ao fenômeno da seca. (Figuras 5A e 5B).

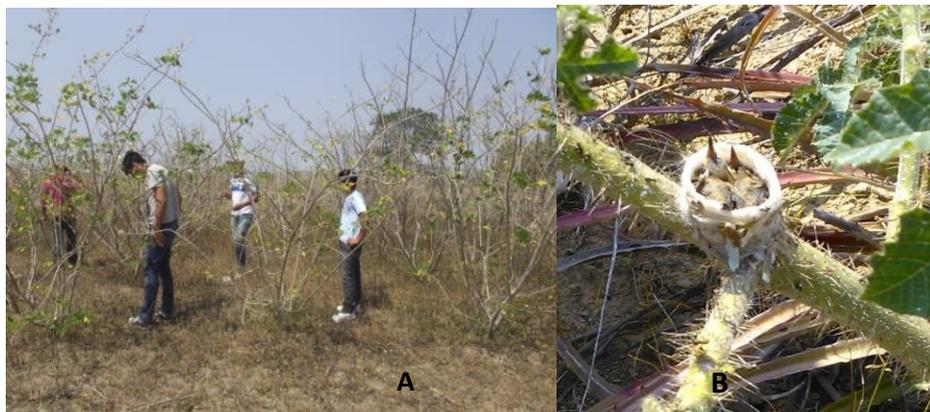


Figura 5. Cultivo de leguminosas (A) e ninho de colibris em plantas xerófilas(B).
Fonte: Projeto. Data: agosto/2013

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades do projeto possibilitam reflexões e aprimoramentos intelectuais e tecnológicos possibilitando maiores possibilidades de convivência com o Semiárido. A promoção de diferentes diálogos permitem um ambiente de construção interinstitucional com o objetivo comum de reduzir as vulnerabilidades ao desastre seca a partir da valorização do conhecimento local e da contextualização do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. **PLANO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu / MEC. Brasil: 2000/2001. Disponível em: <www.extensao.ufba.br/planonacionaldeextensao.asp>. Acesso em: 20 agosto, 2013.

GOHN, M. da G. M. **Educação não formal e cultura política**: impactos do associativismo no Terceiro Setor. São Paulo: Cortez, 1999.

IBGE. **Censo Agropecuário 2006. Agricultura familiar**. Primeiros Resultados. Brasil, Grandes Regiões e Unidades da Federação. Brasília/Rio de Janeiro: MDA/MPOG, 2009. Disponível em: < http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/...formularios/docs/etene-ano4_5.pdf>. Acesso em: 24 abril, 2013.

MAGALHÃES, A. R. et al. The climatology of droughts and droughts prediction. In: **The effects of climatic variations on agriculture in Northeast Brazil**. 1987, cap. 2, p. 29-48. 1987. Disponível em: < <http://www.cbmet.com/cbm.../22-d92e8f629134bdbd84f95ccb904efc68.doc>>. Acesso em: 24 abril, 2013.

PEIXOTO, M.; **EXTENSÃO RURAL NO BRASIL – UMA ABORDAGEM HISTÓRICA DA LEGISLAÇÃO**; Consultoria Legislativa do Senado Federal, Centro de Estudos; Brasília, outubro / 2008.